

UMA FILOSOFIA MORAL NEGATIVA?

*Jeanne Marie Gagnebin**
jmgagneb@terra.com.br

RESUMO *Este artigo apresenta a filosofia moral de Adorno baseado no seu esboço na Dialética do Esclarecimento, a partir de duas hipóteses principais: a importância do fundo mimético e animal na adaptação do ser humano, definido primeiramente como um ser sofredor e fraco; a importância da denegação desse fundo na edificação das normas ideológicas nazistas e nas práticas de tortura. Adorno reivindica uma moral ligada não à obrigação de obedecer às normas sociais, mas à aceitação dessa dimensão animal e sofredora (zoè) do ser humano e à solicitude em relação a ela.*

Palavras-chave *Filosofia moral; Mimesis; Sofrimento.*

RESUMÉ *Cet article donne un aperçu de la philosophie morale d'Adorno telle qu'elle est esquissée dans la Dialectique de la Raison à partir de deux hypothèses principales: l'importance du fond mimétique et animal dans l'adaptation de l'être humain, défini d'abord comme un être souffrant et faible; l'importance de la dénégation de ce fond dans l'édification des normes idéologiques nazies et dans les pratiques de torture. Adorno revendique une morale liée non à l'obligation d'obéissance aux normes sociales mais à l'acceptation de cette dimension animale et souffrante (zoè) de l'être humain et à la sollicitude à son égard.*

Mots clés *Philosophie morale; Mimesis; Souffrance.*

* Professora do Departamento de teoria literária da UNICAMP e de filosofia da PUC/SP. Artigo recebido em novembro de 2007 e aprovado em março de 2008.

Estas observações sobre a “filosofia moral negativa” de Adorno baseiam-se na reflexão de Adorno e Horkheimer na *Dialética do Esclarecimento*, em particular no apêndice “Elementos do Antisemitismo: Limites do Esclarecimento” e em algumas passagens de *Minima Moralia*. Decisivos foram também os comentários de Gerhardt Schweppenhäuser no seu livro, ao qual empresto o título de minha comunicação, *Ethik nach Auschwitz. Adornos negative Moralphilosophie*,¹ e de Gunzelin Schmid Noerr, no seu artigo “Adornos Verhältnis zur Mitleidsethik Schopenhauers”.²

Minha hipótese de trabalho consiste, resumidamente, no seguinte: a atitude de Adorno em relação a uma moral normativa sempre foi, desde sempre, de uma profunda ambivalência. Essa ambivalência é tão forte que não se deixa resolver nem mesmo por uma argumentação dialética; sua origem se encontra na própria fonte da reflexão moral adorniana; a saber, se eu posso arriscar a expressão, uma meditação materialista sobre os componentes miméticos e somáticos do sofrimento (*Leiden*), única base possível para uma reflexão moral cuja tarefa não consiste tanto na edificação de normas aceitas universalmente, mas muito mais na auto-reflexão crítica do pensamento sobre si, em particular sobre sua indigência em relação a catástrofes como a de *Auschwitz*. A existência da *Shoah* e a possibilidade de suas sempre atuais reiterações impõem ao pensamento racional que se confronte com seus próprios limites, que não busque tanto pelo estabelecimento, muitas vezes orgulhoso, de normas abstratas de comportamento ético, mas sim, pela determinação das condições, simultaneamente concretas e transcendentais, de resistência à presença do sofrimento. Daí a famosa reformulação do imperativo categórico kantiano na *Dialética Negativa*:

Hitler impôs um novo imperativo categórico aos homens em estado de não-liberdade; a saber, direcionar seu pensamento e seu agir de tal forma que *Auschwitz* não se repita, que nada de semelhante aconteça.³

No seu belo livro sobre a filosofia moral de Adorno, G. Schweppenhäuser ressaltava essa ambivalência de Adorno e cita um texto inédito e muito claro a esse respeito, no curso intitulado *Probleme der Moralphilosophie*, da aula de

- 1 Hamburg: Argument, 1993. A este respeito, ver também o excelente trabalho de Douglas Garcia Alves Júnior. *Dialética da vertigem: Adorno e a filosofia moral*. São Paulo: Escuta; FUMEC, 2005.
- 2 Publicado na coletânea SCHWEPPENHÄUSER, G.; WISCHKE, M. (Org.). *Impuls und Negativität*. Ethik und Ästhetik bei Adorno. Hamburg: Argument, 1995.
- 3 Negative Dialektik. In: *Gesammelte Schriften: Wissenschaftliche Buchgesellschaft*. Darmstadt, 1998. Band 6, p. 358: “Hitler hat den Menschen im Stande ihrer Unfreiheit einen neuen kategorischen Imperativ aufgezwungen: ihr Denken und Handeln so einzurichten, dass Auschwitz nicht sich wiederhole, nicht Ähnliches geschehe” (Tradução J. M. G.).

26 de fevereiro de 1957, portanto dez anos depois da publicação da *Dialética do Esclarecimento*:

*Moral ist “ungeschieden” sowohl “Unterdrückung, Repression insofern, als sie den Menschen positiv Freiheit zuspricht und sie für alles zur Verantwortung zieht”, als auch, nämlich “als Kritik an dem, was die Menschen tun, Repräsentantin einer kommenden Freiheit [...] Daraus folgt, dass die Moral selbst in sich widerspruchsvoll ist insofern, als sie gleichzeitig immer Freiheit und Unterdrückung meint. Das bestimmt nun aber auch die Haltung, die [...] der Denkende anzunehmen hat: er muss sowohl für als [auch] gegen die Moral sein.”*⁴

Tentativa de tradução:

A moral é, “de maneira indiscernível” tanto “opressão, repressão na medida em que atribui positivamente aos homens a liberdade e os chama à responsabilidade por tudo” como também “enquanto crítica àquilo que fazem os homens, representante de uma liberdade por vir [...]. daí segue que a moral é ela mesma cheia de contradições no sentido que ela visa, ao mesmo tempo, sempre, liberdade e opressão. Isso determina, então, também a atitude que deve adotar aquele que pensa; ele tem de ser tanto a favor quanto [também] contra a moral.”

Dez anos mais tarde, em 1966, Adorno evoca algumas lembranças de juventude e afirma, de maneira semelhante:

*Als Schuljunge stellte ich mir unter den Worten sittlich und keusch etwas besonders unanständig vor [...] Ich war schon recht erwachsen, als ich die Wahrheit meines Irrtums entdeckte, dass keusch und sittlich unanständige Begriffe sind.*⁵

[Como menino em idade escolar eu me representava algo de particularmente indecoroso sob as palavras moral e casto [...]. Já estava eu bem crescido quando descobri a verdade do meu erro, a saber que casto e moral são conceitos indecorosos.]

Ora, essa estrutura de “indiscernibilidade” (*Ungeschiedenheit*) entre aspectos opostos, nesse caso os indecorosos e os emancipatórios, não caracteriza somente a questão da moral, mas também muitos outros conceitos da reflexão de Adorno. E isso de maneira tão entranhada que nem a dialética do esclarecimento nem a dialética negativa conseguirão desfazer e resolver esses nós persistentes. Com essa hipótese, ousaria afirmar que o pensamento de Adorno tem a honestidade de reconhecer a persistência e a constância de tal imbricação conceitual e real, e que não cai na tentação de querer desfazê-la

4 SCHWEPPEHÄUSER, G. *Ethik nach Auschwitz*. Adornos negative Moralphilosophie, p. 178-179.

5 “Amorbach” in *Ohne Leitbild*, GS. 10-1, p. 306. Essa citação me foi lembrada pelo livro de Silvia Bovenschen. *Über-Empfindlichkeit*. Suhrkamp, 2000. p. 73.

a qualquer custo, mesmo por um artifício dito dialético. Na *Dialética do Esclarecimento*, destaco nesse contexto dois conceitos-chave para toda argumentação do livro e também, parece-me, para a filosofia futura de Adorno. São os conceitos de *mito/mitologia* e de *mimesis*.

Em relação à própria história da razão, empreendida por Adorno e Horkheimer na *Dialética do Esclarecimento*, chama, com efeito, a atenção que a relação entre mito/mitologia e razão/esclarecimento, a antiga relação entre *mythos* e *logos*, não pode ser inteiramente descrita em termos de contradição dialética. Cito algumas linhas bem conhecidas do prefácio à obra:

A aporia com que defrontamos em nosso trabalho revela-se assim como o primeiro objeto a investigar: a autodestruição do Esclarecimento (*die Selbsterstörung der Aufklärung*). [...] Acreditamos contribuir com esses fragmentos para essa compreensão, mostrando que a causa da recaída do Esclarecimento na mitologia (*des Rückfalls von Aufklärung in Mythologie zurück*) não deve ser buscada tanto nas mitologias nacionalistas, pagãs e em outras mitologias modernas especificamente idealizadas em vista dessa recaída (*zum Zweck des Rückfalls*), mas no próprio Esclarecimento paralisado pelo temor da verdade. [...] Em linhas gerais, o primeiro estudo pode ser reduzido em sua parte crítica a duas teses; o mito já é esclarecimento e o esclarecimento acaba por reverter à mitologia (*schlägt in Mythologie zurück*). A discussão dos “Elementos do Antisemitismo” através de teses trata do retorno efetivo da civilização esclarecida à barbárie (*Rückkehr der aufgeklärten Zivilisation zur Barbarei*).⁶

O vocabulário dos autores deixa transparecer uma certa indecisão entre dois modelos diferentes de pensamento: um modelo dialético lógico, nos moldes hegelianos, o da *Selbstreflexion* e da *Selbsterstörung*, segundo o qual racionalidade iluminista (*Aufklärung*) e mitologia se negam e se pertencem mutuamente. E um outro modelo, mais linear e histórico, segundo o qual a razão esclarecida periga *recair*, *retornar*, *regredir* (todas expressões do texto) na mitologia ou também, como escrevem Adorno e Horkheimer, na barbárie (real no caso do nazismo). Temos, então, um modelo de reversão dialética (*Umschlag*) e um outro modelo subjacente, o modelo de uma regressão histórica (*zurück...*). Nesse contexto, o estatuto ontológico e epistemológico do mito e do mítico não deixa de ser bastante incerto. Ele oscila entre a negação dialética da razão, seu outro complementar e contraditório, e uma determinação mais substancial e irreduzível, uma ameaça ancestral, fundo aterrorizante e cruel que a *Aufklärung* se esforça, na maior parte das vezes em vão, em erradicar.

6 ADORNO; HORKHEIMER. *Dialética do Esclarecimento*. Tradução de Guido de Almeida. Rio de Janeiro: Zahar. p. 13, 15 e 16; GS. v. 3, p. 13, 16, 17.

A mesma oscilação caracteriza outro conceito-chave da *Dialética do Esclarecimento*, o de *mimesis*. No quinto fragmento dos “Elementos do Antisemitismo”, Adorno e Horkheimer (aqui talvez mais Adorno do que Horkheimer) distinguem dois momentos conceituais na *mimesis* que também são dois momentos históricos da *Gattungsgeschichte* humana. A primeira *mimesis*, ligada à magia e ao mito, tem por alvo a defesa do bicho homem, fraco e ameaçado, contra os poderosos inimigos exteriores, contra os monstros que querem devorá-lo como o Ciclope a Ulisses. Na tentativa de escapar ao perigo, o homem “primitivo” se assemelha ao meio e abole a diferença entre si mesmo e o ambiente, aniquilando-se para se tornar invisível. É o famoso artilho de Ulisses que se autoneomeia de “ninguém” para escapar à vingança. Essas práticas mágicas de autodefesa são, no mais das vezes, cruéis e ineficazes. Elas contêm, porém, um momento importante de *prazer*, oriundo do êxtase da dissolução dos limites do eu na indiferenciação da matéria. Momento prazeroso ancestral que nos liga à terra e ao barro, à sujeira e ao lodo, mas também à embriaguez dos sons, dos movimentos e das cores que escapam ao nosso domínio. Exaltação lúdica, religiosa e artística que, depois de Nietzsche e de Freud, Adorno e Bataille deveriam ressaltar e cujo cerne se encontra num ultrapassar não só dos limites da própria identidade, mas, mais ainda, da necessidade de manutenção rígida e dolorosa dessa identidade, desse esforço de autoconservação (*Selbsterhaltung*) que a organização capitalista da sociedade erige em lei absoluta. Os perigos e as delícias da entrega mimética fornecem o pano de fundo da interpretação alegórica do famoso episódio das Sereias da *Odisséia* na *Dialética do Esclarecimento*. Ulisses, atado ao mastro seguindo suas próprias ordens, é o emblema do enrijecimento do eu, necessário à sua autoconservação, mas que repousa sobre a exploração dos outros, dos remadores, e sobre a repressão da natureza interna primeva, lúdica, infantil, perversa-prazerosa. Repressão e exploração que também perfazem a transformação da magia em arte, isto é, destituem a arte de seus poderes e a convertem em entretenimento.

No fragmento quinto dos “Elementos do Antisemitismo”, a história da repressão dessa *mimesis* originária, perigosa e prazerosa é retracada num resumo fulgurante que deve esclarecer, sim, iluminar, a gênese de uma segunda *mimesis*, *mimesis* da *mimesis* diz Adorno, *mimesis* mortífera, a única permitida na *Aufklärung*, aquela que está na raiz da *identificação* do indivíduo com o *Führer* através de uma eficaz encenação coletiva. Em outras palavras, o cerne da obediência nazista e do ódio racista deve ser procurado nesse núcleo originário que transforma a desagregação mimética primeva, simultaneamente ameaçadora e extática, numa *mimesis* segunda, definida

pela rigidez da identidade e pela conseqüente exclusão do outro. Processo necessário à construção da civilização, mas que também solapa a possibilidade da convivência civilizada entre os homens. Adorno e Horkheimer citam explicitamente as reflexões freudianas sobre o “Mal-estar na civilização” e sobre o “sinistro” (*das Unheimliche*), como também retomam, de maneira mais secreta, as análises do jovem Nietzsche sobre a transgressão dionisíaca.

Cito uma passagem central desse quinto fragmento:

Inicialmente, em sua fase mágica, a civilização substituiu a adaptação (*Anschmiegung*) orgânica ao outro, isto é, o comportamento propriamente mimético, pela manipulação organizada da *mimesis* e, por fim, na fase histórica, pela *práxis* racional, isto é, pelo trabalho. A *mimesis* incontrolada é proscrita. [...] O rigor com que os dominadores impediram no curso dos séculos a seus próprios descendentes bem como às massas dominadas, a recaída em modos de vida miméticos – começando pela proibição de imagens na religião, passando pela proscrição social dos atores e dos ciganos e chegando enfim a uma pedagogia que desacostuma as crianças de serem infantis – é a própria condição da civilização. A educação social e individual reforça nos homens seu comportamento objetivamente enquanto trabalhadores e impede-os de se perderem [de se deixar embalar] nas flutuações [*im Auf und Nieder*, literalmente, nos movimentos para cima e para baixo] da natureza ambiente. Toda diversão, todo abandono [*Hingabe*, entrega] tem algo de mimetismo. Foi se enrijecendo contra isso que o ego se forjou.⁷

Essa passagem ecoa num dos fragmentos talvez mais enigmáticos de *Minima Moralia*, intitulado “Sur l’eau”, que fecha a segunda parte do livro. Adorno retoma a imagem utópica de uma sociedade liberada da *Not*, da necessidade e da miséria, isto é, também da obrigação do trabalho e da produção que o capitalismo exacerba, muito além das exigências vitais. Conclui por uma evocação quase rousseauista de uma felicidade simultaneamente mística e animal que consiste num simples viver, melhor, na *entrega* ao movimento da vida, simbolizado pelo movimento das ondas, em vez do controle e da autoconservação atarefada:

Rien faire comme une bête,⁸ flutuar na água, olhando pacificamente para o céu, “ser, e mais nada, sem nenhuma outra determinação nem realização”, eis o que poderia ocupar o lugar do processo, do fazer, do realizar, e assim cumprir verdadeiramente a promessa da lógica dialética, de desembocar em sua origem.⁹

7 ADORNO; HORKHEIMER. *Dialética do Esclarecimento...*, p. 169.

8 Em francês no texto original: “nada fazer como um bicho”.

9 ADORNO. *Minima Moralia*. Tradução Luis Bicca. São Paulo: Ática, 1992. p. 138.

Esse rápido percurso pelos meandros do conceito de *mimesis* na *Dialética do Esclarecimento* tinha o objetivo de evidenciar, mais uma vez, que a estrita lógica dialética é solapada por um movimento menos reflexivo, mais abissal e insondável, que percorre o pensamento de Adorno como um rio subterrâneo – e que talvez explique a importância filosófica da música no seu pensamento: algo como uma dimensão arcaica, primeva, material e corporal que não se deixa domesticar nem pela racionalidade instrumental nem pela razão dialética, algo que as metáforas *aquáticas* das Sereias e do barco embalado pelas ondas descrevem como perigo abissal e como felicidade extrema.

Ora, esse fundo somático, material e materialista, que a *mimesis* artística terá por tarefa elaborar e transfigurar, esse fundo mimético é imprescindível à compreensão da filosofia moral de Adorno. Com efeito, *impulso mimético* e *impulso moral*, categorias elaboradas por Adorno, são inseparáveis. O conceito de *impulso* remete a uma esfera pré-discursiva e pré-racional enfatizada pelo filósofo não tanto para solapar os ensaios de compreensão racional do comportamento humano quanto para questionar as tentativas de fundamentação e de justificação racionais de normas éticas. Malgrado sua grandeza filosófica, essas tentativas abstratas naufragaram na experiência extrema de *Auschwitz*, no desnudamento das vítimas, reduzidas a meros corpos (*Leib*) convulsivos, e na crueldade dos carrascos, muitas vezes uns cidadãos refinados, cultos, educados nas normas do idealismo alemão e da *Aufklärung*. Nesse mesmo fragmento cinco de “Elementos do Antisemitismo”, Adorno situa justamente nos corpos agonizantes, cujas convulsões involuntárias manifestam nossa animalidade soterrada, o que desencadeia o ódio do torturador, como se a lembrança dessa nossa origem material, animal e desordenada, origem comum à vítima e ao carrasco, fosse justamente o motivo da repulsa:

Os proscritos despertam o desejo de proscreever. No sinal que a violência deixou neles inflama-se sem cessar a violência. Deve-se exterminar aquilo que se contenta em vegetar. As reações de fuga caoticamente regulares dos animais inferiores, a formigação das multidões de insetos, os gestos convulsivos dos martirizados exibem aquilo que, em nossa pobre vida, apesar de tudo, não se pode dominar inteiramente: o impulso mimético. É na agonia da criatura, no pólo extremo oposto à liberdade, que aflora irresistivelmente a liberdade enquanto determinação contrariada da matéria. É contra isso que se dirige a idiossincrasia que serve de pretexto ao anti-semitismo.¹⁰

A fúria do torturador nazista (e de muitos outros depois dele) exerce-se contra o corpo indefeso e nu da vítima e, através dele, contra essa componente

10 *Dialética do Esclarecimento*, p. 171.

de vida e de liberdade que a própria matéria – contrariada – ainda opõe à ânsia de dominação total da inteligência racional controladora. Não se trata “só” de humilhar o outro como inimigo, mas de lhe recusar o estatuto de humano e de igual, transformando-o em bicho adestrado e sofredor, isto é, tentando negar, sem o conseguir – daí a raiva redobrada –, qualquer comunidade entre ele, bicho, e o carrasco, homem. Essa redução ao animal, que todos os sobreviventes da *Shoah* descreveram e que persiste no sentimento de vergonha (*Scham*) que carregam consigo para sempre, essa redução deveria permitir estabelecer um fosso definitivo entre o torturador bem vestido, de uniforme, limpo e ereto, e o torturado nu, abjeto, ensangüentado e informe, negando assim o que lhes é e continua sendo, apesar de tudo, comum: a saber, essa fragilidade humana corpórea, essa materialidade indefesa, essa passividade primeva que se manifesta no choro do recém-nascido e nos espasmos dos agonizantes. Esse impulso mimético que nega a soberania exclusiva da razão autônoma.

Podemos também dizê-lo de outra maneira: o que o naufrágio, em *Auschwitz*, das belas normas éticas de convivência humana (tanto do lado dos torturadores quanto, muitas vezes também, do lado dos torturados) manifestou não foi a falsidade dessas normas; não se trata de uma discussão sobre diferentes valores éticos. Trata-se muito mais da profunda insuficiência de qualquer reflexão moral que não inclui dentro dela aquilo que a questiona como normatividade, isto é, a constante rememoração de nossa animalidade primeira, do nosso pertencer irreduzível à *Naturgeschichte* (história natural), diz também Adorno. Tal rememoração impede a fundamentação exclusivamente racional de normas éticas e exige um processo constante e doloroso de confrontação com essa corporeidade sofredora que nos constitui igualmente. Em vez de negar ou de denegar nosso lado animal e sofredor (*leidend*), esse lado pouco nobre cujo cheiro não é sempre agradável, em vez de tentar construir por cima dele um edifício normativo, o impulso moral tem muito mais por tarefa saber acolher esse lado e integrá-lo à convivência humana; deveria reunir, sem separá-las, as conquistas do espírito e a vulnerabilidade da existência orgânica, a esplêndida inventividade do *bios* e a morosa materialidade da *zoè*. Cito Schweppenhäuser e também G. Schmid Noerr a respeito dessa nova definição do *impulso moral*:

Er [der moralisch-normative Impuls] ist das prekäre Produkt des zivilisationsgeschichtlich errungenen Rationalitätsfortschritts, aber gebunden an die Sphäre dessen, was in Adornos materialistischer Philosophie als Bereich des

Mimetischen und der auf leibhafter Erfahrung beruhenden humanen Solidarität zu bezeichnen wäre.¹¹

Adorno schwebte eine Konzeption von Moral vor, bei der das Mitleid ein Moment bildete innerhalb einer kritischen Selbstbesinnung der “Naturgeschichte”.¹²

Tento traduzir ambos os comentadores:

[O impulso moral-normativo] é o produto precário do progresso da racionalidade firmado na história da civilização, mas ligado à esfera daquilo que, na filosofia materialista de Adorno, poderia ser designado como o domínio do mimético e da solidariedade humana que repousa sobre experiência corporal.

Adorno tinha em mente uma concepção de moral na qual a compaixão [o sofrer com, *Mit-leid*] constitui um momento dentro de uma automeditação crítica da “história natural”.

Como Schmid Noerr explicita, Adorno não faz sua a ética da compaixão de Schopenhauer, porque nela suspeita não só uma compaixão pelo sofrer alheio, mas também uma aceitação desse sofrimento, uma certa aceitação do existente (*das Bestehende*), portanto; no entanto, ele se inscreve como Schopenhauer e como Horkheimer, também, numa linhagem filosófica que não situa a raiz do ético na construção de um *consenso* racional e lingüístico, mas sim num *impulso*, aquém do racional e do lingüístico, em direção ao outro, àquele que sofre, a essa dimensão corpórea (*leibhaft*) e passiva (*leidend*) da existência humana.¹³

(Podemos observar aqui, notadamente em relação à violência das relações sociais num país como o Brasil, que tal hipótese permitiria pensar que essa dimensão ética somente pode desabrochar nos sujeitos quando a própria fragilidade corpórea e sofredora encontra uma estrutura de amparo: destituídos dessa estrutura que lhes permite acolher sua própria fragilidade, os sujeitos são entregues a outros impulsos, de autoconservação selvagem e de destruição, e se tornam incapazes de percepção do sofrimento alheio.)

Chego à conclusão deste breve texto. Ela consiste em duas hipóteses que, certamente, poderiam ser ainda objeto de várias discussões não só a partir

11 SCHWEPPENHÄUSER, G. (Org.). *Impuls und Negativität*. Ethik und Ästhetik bei Adorno, p. 183.

12 NOERR, G. Schmid. Adornos Verhältnis zur Mitleidsethik Schopenhauers. In: SCHWEPPENHÄUSER, G.; WISCHKE, M. (Org.). *Impuls und Negativität*. Ethik und Ästhetik bei Adorno, p. 18.

13 Ver sobre isso o belo livro de Maurício Chiarello. *Natureza-morta: finitude e negatividade em T. W. Adorno*. São Paulo: Edusp, 2006.

da filosofia de Adorno, mas também nas inúmeras interrogações atuais sobre ética e filosofia moral.

Primeira hipótese: essa rememoração crítica da história natural, da corporeidade e da passividade, da materialidade opaca e incontrollável da vida orgânica, não caracteriza somente uma moral autêntica, sem *hybris* iluminista. Ela acarreta uma reformulação da definição do próprio pensar; este não se exaure no brilho da soberania conceitual dominadora, mas se abre às hesitações e aos sobressaltos, àquilo que não controla, àquilo que lhe escapa. Somente essa paciência (*Geduld*, mesmo radical que sofrer, *dulden*) permitiria, como o diz Adorno no seu artigo intitulado “Educação após *Auschwitz*” (“*Erziehung nach Auschwitz*”),¹⁴ não reprimir a angústia (*Angst*) que habita as entranhas do bicho homem; isto é, permitiria que ele não precisasse procurar abrigo em identificações perversas que fornecem a base, no mínimo subjetiva e psíquica, do autoritarismo e do totalitarismo.

Segunda hipótese: a relação profunda entre impulso moral e impulso mimético leva a uma reabilitação vigorosa da *mimesis*, como deverá testemunhá-lo a *Teoria estética* de Adorno. Entendida como “forma originária do amor” (“*Urform der Liebe*”),¹⁵ a *mimesis* aponta para a possibilidade, cuja base se situa justamente na fraqueza orgânica primeva do homem, de ultrapassar os limites rígidos da autoconservação individual em direção a uma radical abertura à alteridade do mundo, notadamente ao sofrimento do outro. Em outros termos, a *mimesis* bem entendida condensa tanto a fragilidade corpórea e material do homem quanto a possibilidade de sua emancipação. Ora, se a aprendizagem mimética encontra seu ápice nas práticas artísticas, então cabe à arte e à estética, como doutrina da percepção e como reflexão sobre as artes, uma tarefa essencial: a de educar a sensibilidade humana contra o embotamento dos sentidos e contra a indiferença em relação à alteridade. A filosofia materialista de Adorno retoma e transforma a herança do idealismo schilleriano em prol de uma estética que saiba conjugar as virtudes da paciência e as exigências da resistência.

14 In: *Stichworte*, GS 10-2. Tradução brasileira em *Palavras e sinais*. Petrópolis: Vozes, 1995.

15 *Minima Moralia*, GS 4, p. 176, tradução Luis Bicca, p. 136.